

Traslado do auto de Devaça que mandou fazer o Desembargador Ouvidor Geral do Crime o Douttor Antonio José Cabral de Almeida para por ele perguntar testemunhas a respeito de varios factos e desordens cometidas no Navio S. Senhora da Piedade e Saõ Boaventura de que hé capitão Luiz Ventura Loureiro como ao diente se declara

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e settecentos e oitenta e tres annos. Aos treze dias do mes de Agosto do dito anno nesta cidade do Rio de Janeiro em morada do Desembargador Ouvidor Geral do Crime o Douttor Antonio José Cabral de Almeida donde eu Escrivão do seu cargo vim, e sendo ahy por ele Ministro me foi dito que por virtude do requerimento ao diente que lhe fora remetido pelo Illustrissimo e Excelentissimo Vice Rey do Estado feito pelo Capitão do Navio Nossa Senhora da Piedade e Saõ Boaventura, Luiz Ventura Loureiro que chegou a este Porto no dia dez do presente mez de Agosto do corrente anno, chegara a sua noticia que saindo do Porto de Lisboa o dito Navio no dia dezoito de Abril do prezente anno e hindo segundo a sua derrota para o Porto de [fl. 2v] Maurissia para onde levavaõ o seu destino acontecera no dia trinta e hum de mayo do mesmo anno ter o primeiro Piloto Joaõ dos Santoz Rodrigues Silva humas duvidas com Antonio Jose Cartaxo despenseiro do dito Navio descompondo o mesmo Piloto a este de ladraõ e passando ao excesso de lhe querer dar com um hum pau, ao que acudindo o mesmo Capitão, que se achava na camara por evitar alguma desordem que daqui se podia originar perguntara ao mesmo primeiro Pilotto depois de mandar calar ao despenseiro que duvidas heram aquelas ao que nada respondera o mesmo Pilotto antes não fez cazo algum dele tratando-o com pouco respeito pelo que se vira obrigado a dizer ao mesmo primeiro Piloto que não queria semelhantes duvidas no seu Navio e que cazo o Despenseiro

ou outra qualquer pessoa dele o desatendessem lhe desse parte que ele Capitão o castigaria ao que respondera o dito primeiro Pilotto que ele havia castigar a quem quizesse por não ser criado do dito Capitão para andar com semelhantes vênias tratando a este com palavras insultantes diante da Equipagem do dito Navio, e que dera cauza a que o mesmo Capitão depois de mandar calar ao referido primeiro Pilotto, e este o não querer fazer, mandalo recolher ao seu camarote mandando lavrar o termo numero primeiro junto ao dito requerimento do qual entrara o mesmo Pilotto a zombar fazendo [fl.3] perguntas picantes, praticando esta desobediencia alem de outras que já antes disto sugeria e insinuava a alguns marinheiros do dito Navio, dizendo lhe que cazo o dito Capitão mandasse fazer-lhes algum castigo o não recebessem sem que lhes mostrasse ordem da Sacastaria [?] para o poder fazer porquanto nenhuma obrigação tinham de lhe obedecer mas sim a ele Pilotto por ter sido quem despachara o Navio, e para melhor serem praticadas dahy em diante as desobediencias em que o dito primeiro Pilotto cugitava se unira com o segundo Pilotto Manoel Pires da Cruz e dous praticantes da mesma Arte chamados Januario Lopes e Francisco Gonsalvez, com os quais fazendo conversas ocutas e conventiculos dentro no seu camarote passavam estes a fomentarem e induzirem aos mossos mancebos e marinheiros do dito Navio a que praticassem as mesmas desobediencias, os quais como pessoas rusticas e pouco cordatas assentaraõ a por em pratica a execuçaõ, como foraõ a que praticou Bernardo Pires mancebo do dito Navio em occasiaõ que o mesmo capitão mandara prender em ferroz a Manoel Jose de Freitas, tambem mancebo (ambos do Partido do mesmo Primeiro Pilotto) por haver dado humas pancadas em hum sobrinho do contra Mestre do dito navio e por revultozo, acudira o [fl.3v] mesmo Bernardo Pires a querer embarassar este castigo com uma navalha na mão, e chamando a outros mancebos a boca da escotilha em fr [formaçaõ?] de levante, entrara a dizer que não consentia em tal e mandando o Condestavel do Navio para cima o não quizera fazer nem ainda a voz dele Capitão de sorte que fora preciso que o Guardiaõ viesse correr para a Proa, pelo que o fez o mesmo Capitão tambem prender em ferroz; E que o mesmo Capitão por querer evitar as mesmas desordens, meya ora depois de sussedido o caso relatado do despenseiro com o dito primeiro Pilotto mandara recado a este e ordem de soltura pelo segundo Pilotto Manoel Pires da Cruz ao

que respondera o mesmo primeiro Pilotto que estava bem prezo; segunda vez mandara o dito Capitaõ pelo mesmo segundo Pilotto dizerlhe que estava solto, e que lhe fosse falar do que não fizera cazo; Ao meyo dia vendo o mesmo Capitaõ que o dito Pilotto não hia observar o Sol lhe mandara terceira vez pelo Condestável Francisco Antonio ordem de soltura, ao que mandara o dito primeiro Pilotto dizer que ele Capitaõ não hera capaz de o mandar soltar, Quarta vez pelo Capelaõ do mesmo Navio, lhe fizera o mesmo Capitaõ dizer que estava solto e que visse que o havia insultado publicamente, que saisse e não fizesse aquele [fl. 4] cazo mais feio que de tudo se esquecia; ao que respondera o mesmo Pilotto que sahiria se se hygasse [?] o mesmo termo numero primeiro; Quinta vez lhe fizera o mesmo Capitaõ dizer pelo referido Condestavel que ele viesse fazer o seu quarto, ao que respondera o mesmo Primeiro Pilotto que ele Capitaõ não hera capaz de o mandar e que agora estava ele mais contente por ver que ele Capitaõ havia prendido Bernardo Pirez, que fizesse muitas daquelas e que depois não estranhasse o que visse; mandando no mesmo dia o dito Bernardo Pirez ameassar de morte ao dito Capitaõ, como constava do termo que se fizera de numero terceiro; No dia Quatro de Junho escrevera o mesmo Capitaõ uma carta ao dito primeiro Pilotto de que juntou a copia a numero quatro em que lhe ordenava saisse e que lhe não amotinasse agente porque sempre estava a ensinua-los do seu camarote, ao que respondera o mesmo primeiro Pilotto que o seu cazo so o podiaõ definir os Legisladores e não ele Capitaõ; No mesmo dia hindo o Guardiaõ dar parte do referido Capitaõ que tivesse cautela, que os marinheiros se estavam aconselhando para virem a Camara dizer que queriaõ o prezo solto e que isto hera induzido pelo referido primeiro Pilotto, e que tivesse cuidado não tivesse algum desgosto, pelo que mandara o mesmo Capitaõ pelo Edital [fl. 4v] de que se juntou copia a numero cinco, declarar prezo o mesmo Bernardo Pirez a ordem do primeiro Governador da terra Portugueza a que chegasse; ao dito Manoel José de Freitas, prezo a ordem dele Capitaõ declarando igualmente solto ao mesmo primeiro Pilotto, encarregando lhe cuidasse no rumo do Navio ao Portto destinado, e outros protestos que constaõ do mesmo Edital no qual ordenara setima vez desse rumo ao Navio para o Portto destinado de Mauriciaz que era o destino que ele Capitaõ levava para onde tinha comprado fazendas de sua conta e recebido outras a frete e ajustado ao referido Pilotto, servindo

este aviso de rizo ao referido primeiro Pilotto, que protestava que a sua prizaõ havia custar ao referido Capitaõ e aos seus interessados hum par de mil cruzados, entrando a fulminar a ribada dahy em diante; No dia catorze de Junho mandara o dito Capitaõ por Jose Ventura Montano [?] rogar ao sobredito primeiro Pilotto a vir sesquecendo se das passadas desobediencias se resolvia sahir, no que instando o mesmo Montano dois dias nesta rogativa conviera o sobredito primeiro Pilotto em sahir contanto que se anulasse o termo numero primeiro, no que sujeitandosse o dito Capitaõ e sendo dada a resposta do consentimento [fl. 5]ao dito primeiro Pilotto mudara este logo de sistema e entrara a procurar motivos para Arribada porque no dia quinze do dito mez achandosse huma Pipa de Agua com algum cheiro, de cumum acordo o dito primeiro Pilotto com o segundo Manoel Pires da Cruz naõ tomaraõ agua, e principiaraõ a gritar que a Agua estava podre e a induzir aos marinheiros para que anaõ tomassem, e chamando o referido primeiro Pilotto ao Serurgião Jose Madeira lhedeu uma pouca aprovar dizendolhe que a visse e que estava podre, e examinandoa o mesmo Serurgião, achandoa sim com algum cheiro mas naõ corrupta, o descompuzera o mesmo Primeiro Pilotto de Ignorante e chamando ao segundo Serurgião Jose Luiz de Gouveia lhe apresentou huma bilha de agua muito má que este julgara ser da chuva que tinha havido poucos dias antes, entrando o mesmo Pilotto a catequizalo para que diceçe que estava podre afim de poder fazer pretexto para a ribada a America dizendo lhemais o mesmo primeiro Pilotto que isto só [de]pendia dele Serurgião, e que pouco lhe importavaõ as ordens do mesmo Capitaõ, tudo como declaracaõ jurada, o que dera causa a que o dito Capitaõ chamando aos ditos Serurgioens lhes desse uma bilha de Agoa a cada hum para que [fl. 5v] aguardassem e examinassem a fim de se fazer termo do Estado dela para a todo tempo constar, o que sendo executado no dia dezasette do dito mez fizeraõ os mesmos Serurgioens a sua declaracaõ de que a Agoa estava inteiramente boa, e que o mesmo cheiro havia inteiramente perdido, e que este era prossedido de estarem as pipas batocadas e naõ receberem ar, do que de tudo fizera ele Capitaõ os termos numero seis e numero sette de que juntava cópia; E que passado isto entrara a induzir aos marinheiros que ele Capitaõ lhes furtava na raçaõ da carne, conselho este que fora de alguns abraçado, e entraraõ a amotinarsse e para os sussegar mandara ele capitaõ chamalos e lhes perguntara se se satisfaziam

com as rassoens que se costumava dar nas naus de Sua Majestade, e por dizerem que com elas se contentavam lhes fizera dar fazendo assistir ao peso de um marinheiro, e ficando sussegada esta desordem passara o mesmo Primeiro Pilotto a fulminar outra insinuando a Antonio Dias de Lima, Antonio Dias de Carvalho, Jose Pacheco, Manoel Jose de Freitas, Pedro Coelho e outros marinheiros do seu partido, que nenhuma obrigação tinham de receber a ressaõ de Sua Majestade e pois que só a mesma Senhora podia obrigar a recebela, cuja idea, sendo por eles igualmente abraçada, sem [fl. 6] consideração ao que ja haviaõ prometido, regeitaram as mesmas ressoens, tomando-as somente coatro ou cinco pelo que as mandara lanssar ao mar ele dito Capitaõ, e sendo na tarde do mesmo dia entrara o segundo Pilotto Manuel Pirez da Cruz e o Praticante Januario Lopes empúblico com voz a dizerem aos manssebos, que depois de não terem tomado ressaõ, o que deviaõ fazer era que quando se mandasse virar de bordo poremsse a Amura, e dizer que o Navio não dava de comer e que não podiam trabalhar com fome, tudo como se expressa no termo que disse mandara lavrar junto onúmero oitavo pelo que mandara ele capitaõ chamar ao dito Praticante e disse o repriendera, mandando tambem chamar alguns marinheiros a quem persuadira tomassem as ressoens a ver se ia quebrando o mesmo Partido; E sendo na noite do mesmo dia chamara o dito primeiro Pilotto a vigia do seu camarote a Antonio Dias de Lima e lhe perguntara como se tinha feito o cazo, o qual respondendo que ninguém o tinha tomado, mas que ele Capitaõ não tinha feito nada, replicara o mesmo o Pilotto Joaõ dos Santos “Continuem que ele sahirá”, o que fora presenssiado por diversas pessoas; E que sendo no dia vinte e três do mesmo mez vendo ele Capitaõ estar escondido atráz do mastro grande o mancebo Tomé de Sousa, um dos Partidistas dos ditos Pilottos, com hum [fl. 6v] saco de navalhas que esteve a limpando, e entre elas huma grande faca de ponta de Diamante, se chegara ele Capitaõ para onde o dito Manssebo o visse o qual escondeo a dita faca e Navalhas, e disfarssando ele Capitaõ encarregara ao serralheiro Caetano de Souza que examinasse para onde o dito Manssebo hia e vendo que a fora fexar na sua Caixa mandara ao Contra Mestre que lha tirasse e se acha em seu poder; Com cujas revulsões e desordens hindo assim caminhando acontessera no dia trez de julho pelas sinco horas da tarde avistar-se a Costa de Leste que disseram ser a de

Malagueta, quando os ditos Pilottos diziam fazersse a cem e mais léguas aredados e desconfiando ele Capitaõ que o primeiro Pilotto tendo posto [?] do seu partido ao segundo e sendo este de pouca esfera [?] passaria talvez por se vingar a querer guiálo mal, tendo para esta suspeita o motivo de saber que o mesmo primeiro Pilotto he que na cabeça do segundo determinavaõ o que queria, e que quando lhe perguntavaõ se ele dava o rumo sempre o negava; fazendo ajuntar todos os officiais no dia quatro lhe perguntara em presença de todos que se lhe fazia preciso saber quem dava rumo ao seu navio porque isto devia ser sabido de todos e principalmente dele Capitaõ atendendo ao lugar que ocupava, ao que respondera [fl. 7] o mesmo primeiro Pilotto que quem dava rumo ao Navio desde o dia trinta e hum de Mayo era o segundo do que o mesmo Capitaõ lavrara o termo numero nove que o mesmo segundo Pilotto não quisera assignar por rezoens que não quisera declarar; e que depois de tudo isto no mesmo dia perguntara o dito Capitaõ ao mesmo primeiro Pilotto se queria esquessendosse de tudo reconciliar quietação e fazer o seu quarto, ao que lhe respondera que não; e tornando lhe ele Capitaõ a dizerlhe se o faria pedindolhe como amigo, insistiu que de nenhum modo, do que fizera o termo de numero dez; Depois do que passara ele Capitaõ a fazer ao dito primeiro Pilotto os seus protestos na forma do termo numero cinco, e perguntando ao segundo Pilotto se tinha duvida em conduzir o navio junto com o terceiro Pilotto que ja la tinha hido, respondera este que ele o não conduzia sem ter a bordo outro Pilotto de Índia, e que por isso havia [de] arebar a buscalo; isto ao mesmo tempo que hera publico a grande e particular amizade e comunicação em que estava com o dito primeiro Pilotto, de dia e de noite, e que ponderando lhe ele Capitaõ que ele estava em termos de conduzir o Navio, porque todos conheciam que ele estava conferindo tudo com o primeiro [fl. 7v] Pilotto e que a Absoluta [?] que este praticava de nenhum modo o autorizava para fazer outro tanto expondo lhe que o primeiro Pilotto estava solto, e que se não sahia era por não querer, e que quanto adeferir estas estórias havia o Portto Nacional de Goa, e que não fizesse ele Capitaõ perder a escala de Maurissias para onde tinha recebido fazendas e comprado outras, que ele só podia arguir mayor trabalho e que esse estava pronto a compensarlho; porém o mesmo segundo Pilotto de mão dada com o primeiro tudo desatendera; Pelo que se vira ele Capitaõ obrigado a perguntar aos Praticantes Januario Lopez e Francisco

Gonssalvez (também fomentadores destas desordens) o Porto a que conduziam o seu Navio, alcançando por via destes e de alguns marinheiros, que tinham determinado ir à Bahia, propondo a os marinheiros que ali seria deposto o Capitão deste lugar, e que havia passar o Capitão o dito primeiro Piloto. E por que o Capitão não tinha correspondentes na Bahia e levava o seu cabedal todo empregado em gêneros de Índia fizera ler o edital número treze pelo qual pedia ao dito Piloto quisesse antes conduzi-lo a este Porto, por que os ditos Pilotos blazonavam que na Bahia tinham o Excelentíssimo Governador da sua parte [fl. 8] e que era terra em que tudo se acabava com dinheiro, ficando nas maiores desesperações por se lhe destinar o Porto desta cidade, de sorte que acabado de ler o dito Edital chamou o segundo Piloto toda a gente à Ré e lhe entrou a dizer que por força havia de arribar porque o navio não tinha água e a que tinha era podre, que não tinha mantimentos porque os que havia eram da mesma forma, e sobretudo porque o primeiro Piloto que era o cabeça do navio estava preso, fazendo por isto uma grande exclamação a fim de instigar a gente ao que fora obrigado o Capitão a dizer-lhes que o Piloto preso à ordem dele Capitão e por ele solto não saía por não querer, e por querer com esta Absoluta fazer arribar o navio, acrescentando mais a isto que o que acontecera na noite do dia antecedente da hum a até as trez horas, estar o mesmo primeiro Piloto em ocultas conversações e negócios, ora com o Manssebo Manoel Jose de Freitas, ora com Jose Pacheco, ora com Antonio Dias de Lima, e com Tomé de Souza, todos do seu Partido, e pelas sette horas da manhã estando ainda o Capitão recolhido mandara o segundo Piloto chamar a Equipagem à Ré do que tendo o Capitão noticia pelo Contra Mestre e Guardiaõ que lhe dera parte de que tinha sido chamada a gente à Ré, e visse não houvesse alguma desordem formal, [fl. 8v] acudira o Capitão, e perguntando ao segundo Piloto a que fim se chamava a Equipagem, respondera o primeiro Piloto dentro do seu camarote, que era para o que lhe não importava, que calasse a boca, e replicando ao segundo se era para a manobra lhe respondera este 'qual manobra', e mandando o Capitão a gente fizesse o que estava fazendo visto não ser para a manobra ficaram irresolutos porque o primeiro Piloto gritava ao segundo 'faça o que está dito vinham vindo esses amigos' o que concluiu o Contra Mestre e Guardiaõ mandando a gente para a Proa, e dizendo-lhes não

conheciaõ se naõ a hum Capitaõ?, o que evitara ele Capitaõ dahy em diante fazendo ler o edital numero catorze pelo qual proibiu que pessoa alguma tivesse comunicaçoens com o dito primeiro Pilotto, com que sussegarão mais as continuas desordens, todas dirigidas ao fim que pertendiam os ditos Pilottos de fazerem amesma Arribada aBahia por arbitrio seu, sem que para isso houvesse necessidade alguma por se achar o mesmo navio com o sustimento preciso eneceçario de Agoada, mantimentos, sem molestia alguma, Agoa aberta ou outra semelhante necessidade que a isso os obrigasse, como tudo constava dos termos que se fizeraõ [fl. 9] para a mesma Arribada juntos com os mais a queixa que tudo he o que aodiante se segue e serve de corpo de delito a este auto; cuja queixa e factos nela expressados e aqui relatados jurara o mesmo Capitaõ serem verdadeiros, como constava do termo de juramento aodiante: De cujos acontecimentos desordens e desobediências se podiam seguir funestas consequencias naõ só às vidas de tantos indivíduos que conduzia o dito Navio más tambem as negociaçoens e interesses de muitas e diversas pessoas que nele se conduziaõ, pelo que devia ele Ministro exactamente averiguar sesaõ ou naõ verdadeiros os referidos factos, que no cazo de o serem, pediaõ hum severo e exemplar castigo porque devaõ pagar os que os cometeraõ, e para exemplo dos mais que tomaõ a seu cargo o Governo de semelhantes cazos, em que so devem por todo o cuidado nas suas obrigaçoens afim de que selivrem dos perigos a que vaõ sujeitos pelo que mandou ele Ministro fazer este auto para por ele perguntar testemunhas, e juntar a mesma queixa, Juramento e termos dos referidos factos que servem de corpo de delito para se prosseder na forma que as leis determinaõ, cujo auto ele Ministro assinou comigo Pedro Henrique da Cunha escrevaõ que escrevi e assinei // Antonio [fl. 9v] José Cabral de Almeida // Pedro Henrique da Cunha. E naõ se continha mais em o dito autto de Devaça que eu Pedro Henrique da Cunha escrevaõ da Ouvidoria Geral do Crime da Relaçãõ desta cidade do Rio de Janeiro a que o trasladei bem e fielmente da própria Devaça a que me reporto por ordem do Desembargador ouvidor Geral do Crime Antônio Jose Cabral de Almeida comquem foi conferido, e pelo dito Ministro assinado e comigo escrevaõ do seu cargo aos vinte e dois dias do mes de setembro de mil e sette centos e oitenta e trez annos. Eu Pedro Henrique da Cunha, escrevaõ que o escrevi e assinei e consertei.

Conferido por mim Ouvor gal do Crime

Antônio José Cabral de Almeida [ass.]

Pedro Henrique da Cunha [ass.] [fl. 10]

Transcrição: Jaime Rodrigues (UNIFESP)

Referência: RODRIGUES, Jaime. Conversações ocultas e conventículos: o motim a bordo de um navio mercante português no século XVIII. Revista Outras Fronteiras, Cuiabá, vol.7 n1, jan/jul 2020, p.395-397